

COLUNA DO HERÓDOTO

A primeira-dama na passarela



Heródoto Barbeiro (*)

Ela escandaliza a presidência da República. Em uma sociedade conservadora, patriarcal, o que se espera da mulher do presidente da República, no mínimo, é recato.

O comportamento não convencional da primeira-dama abre grandes espaços na mídia e nos comentários da capital do Brasil. A primeira-dama não deve se expor, pois isso pode atingir a imagem do governo e, para isso, precisa se distanciar dos amigos, entre eles escritores famosos. No entanto, ela atua como atriz no teatro, coisa totalmente inédita e descabida para uma primeira-dama. É verdade que ela não tem mandato, não foi eleita, logo não pode interferir nos projetos do governo que o marido dela dirige.

Veza por outra os jornalistas da capital publicam notícias que a decisão do governo sobre este ou aquele tema teve a intervenção dela. O presidente nunca se importa com o que dizem os jornais e as fofoqueiras de plantão, muitas delas invejosas dos vestidos e sapatos da última moda usados pela primeira-dama. Dor de cotovelo, dizem os aliados do presidente.

Não é fácil para a mulher brasileira viver sem o apoio econômico do marido. Essa dependência incomoda a primeira-dama que, apesar de colaborar com órgão de comunicação, não recebe um centavo. O destino das mulheres é se casar e não ficar para "tia". Afinal, ela tem educação superior, convive com intelectuais e não deixa de dar declarações para os jornalistas. Enfim, tem vida própria sob os olhos complacentes do marido, bem mais velho que a primeira-dama.

A efervescência cultural vivida na capital da República mostra que os tempos mudaram e o comportamento da primeira-dama é um sintoma da ascensão das mulheres na sociedade brasileira. Sua lide-

rança se espalha aos poucos do palácio presidencial às ruas e começa a servir de inspiração para que jovens mulheres da elite comecem a contestar os costumes fechados e obtusos da sociedade brasileira. Mas ela sabe que isso não se faz impunemente. Mesmo o casamento com o velho presidente da República é rotulado pelos opositores como um arranjo político, um autêntico golpe do baú.

A primeira-dama do Brasil não esconde de ninguém que gosta de sambar. Não hesita em convidar grupos populares de música para se apresentarem na sede do governo. Um escárnio com a presidência, dizem os críticos de plantão. A mulher do presidente Hermes da Fonseca, Nair de Tefé, tem origem nobre, mas prefere a cultura popular. Como tem formação artística, acha que as artes podem ser um canal para a ascensão na sociedade machista da Primeira República.

Afinal, o marido dela derrotou Rui Barbosa na eleição em 1910 e isso abre para Nair uma ampla passagem para levar para o mundo da oligarquia política, que domina o Brasil, ideias e comportamentos não comuns na sociedade brasileira. É filha da Belle Époque francesa, uma vez que estudou em Paris e lá aprendeu a desenhar e fazer caricaturas. No Brasil, seus desenhos, críticos, são disputados por jornais e revistas. Não há dúvida de que tem consciência que a partir de sua posição social pode arejar o Rio de Janeiro, que ainda respira o ar que sobrou dos tempos do Império. Afinal, seu pai, Barão de Tefé, foi herói da guerra do Paraguai.

Nair, a primeira-dama se confunde com Rian, a caricaturista abusada e irrequieta que dá um sabor especial ao governo do velho marechal do exército brasileiro, representante das poderosas oligarquias rurais que comandam o Brasil.

(*) É jornalista do Record News, R7 e Nova Brasil (89.7), além de autor de vários livros de sucesso, tanto destinados ao ensino de História, como para as áreas de jornalismo, mídia training e budismo.

Zuckerberg agora fala em fediverso

Há não muito tempo, Mark Zuckerberg lançou o conceito de "metaverso", algo que pouca gente entendeu exatamente o que é - dentre essas, talvez o próprio Zuckerberg.

Vivaldo José Breternitz (*)

Mas o fato é que o metaverso tomou conta da mídia, prometendo revolucionar não apenas a internet, mas o mundo inteiro - pouco tempo depois, pouca gente, inclusive o próprio Zuckerberg, fala no assunto.

Agora, o chefe da Meta lança outro conceito, o "fediverso", fusão das palavras "federado" e "universo" - o termo deriva de uma expressão usada no ambiente de computação - "bancos de dados federados" - onde bancos de dados armazenados em diferentes computadores, funcionam como se fossem um só banco.

Segundo Zuckerberg, a ideia é permitir a interoperabilidade entre aplicativos, fazendo com que os usuários de uma rede social possam acessar outras, sem ter que manter contas nessas outras - por exemplo, um usuário do Facebook poderia curtir uma publicação no TikTok ou responder a um tweet.

Segundo Zuckerberg, as redes Threads e Mastodon já fazem parte do fediverso e outras muito menores estão se juntando a ele, mas neste momento, o Threads permite apenas que outros aplicativos vejam as postagens do Threads e enviem curtidas.



A ideia do fediverso parece interessante, poderia mudar totalmente o cenário das mídias sociais, o que gera uma dúvida: por que Zuckerberg adicionaria seu Facebook, que tem 130 milhões de usuários ao fediverso? Talvez pensando em enfrentar o X, de Elon Musk, seu rival

Ele poderia estar tentando fortalecer uma rede de aplicativos que se opõem ao X, que quase certamente não se juntará ao fediverso. Ele também poderia estar

usando o fediverso para obter mais curtidas e visualizações nas postagens de seu serviço Threads, que tem perdido tração e luta para manter o interesse dos usuários.

É bom lembrar o que aconteceu com o metaverso - é possível que o fediverso também termine assim.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor da FATEC SP, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas - vjnitiz@gmail.com.

Avanços Recentes da Inteligência Artificial: impactos trabalhistas, sociais e regulatórios

O desenvolvimento da Inteligência Artificial (IA) se originou da criação do primeiro algoritmo, por Ada Lovelace, em 1843, consolidando-se com as contribuições de Alan Turing para a Ciência da Computação, criando uma área de pesquisa referente ao "pensamento das máquinas". Desde então inúmeros processos de automação surgiram em direção à consolidação da IA atual. As mais recentes ondas ocorreram na década de 2010, com o avanço da "Machine Learning", na década de 2020, com o surgimento do ChatGPT. Estas tecnologias são uma continuação do processo histórico de automação iniciado na Primeira Revolução Industrial.

Diferentemente dos outros processos tecnológicos, sua rapidez de penetração é mais ampla, disseminando-se em todas as ocupações e setores de atividades econômicas, bem como em outros aspectos da sociedade. Ainda que o temor principal tenha recaído sobre possibilidade de um desemprego em massa, os estudos não confirmam essa possibilidade.

O fato mais importante sobre a questão ocupacional se refere à necessidade de novos requisitos de educação e treinamento para o novo perfil requerido dos trabalhadores, entre outras implicações trabalhistas. A IA tem a capacidade de realizar tarefas complexas, trazendo a possibilidade de substituir trabalhos realizados exclusivamente por profissionais de alta qualificação, sendo isto que diferencia a IA das tecnologias observadas na história, as quais recaiam sobre tarefas manuais.

Em termos conceituais os ganhos de produtividade obtidos através da IA devem revelar um impacto positivo na economia. Os resultados da literatura atual, entretanto, não indicam um aumento real da produtividade. O que parece estar ocorrendo é um atraso entre a implementação da IA e os ganhos efetivos na produtividade do trabalho. Destaca-se, também, que novas habilidades serão exigidas para parte significativa dos trabalhadores no mercado de trabalho.



Consequentemente, isto demandará novos tipos de treinamento. Essas novas habilidades podem ser divididas em dois grupos: aquelas cruciais para o desenvolvimento e manutenção dos sistemas de IA, e as decisivas para o uso, a adoção e a interação dessa tecnologia como uma nova ferramenta de trabalho.

A literatura mostra que a inserção da IA no mercado de trabalho potencializa o fenômeno da polarização das ocupações, onde a maioria dos trabalhadores deslocados pela tecnologia são aqueles que estão no centro da distribuição salarial, dividindo, assim, os empregos em dois grupos, os de alta e os de baixa qualificação. Consequentemente, a polarização salarial resultante aumentará a já crescente desigualdade social. Por outro lado, a IA pode contribuir positivamente para a inclusão social dos trabalhadores. Mecanismos de correspondência de empregos controlados pela IA elevaram o número de contratações de indivíduos pertencentes a grupos sociais marginalizados. A superação de barreiras impeditivas à comunicação interpessoal, serão superadas através de instrumentos auxiliares pela ação da IA promovendo maior inclusão de pessoas com deficiência e até mesmo os migrantes no mercado de trabalho.

Muitos obstáculos, contudo, ainda cercam a implementação da IA. O mais notável está na potencial perpetuação de vieses e preconceitos embutidos nesses sistemas, pois como se trata de uma criação humana, a IA não se encontra livre desses defeitos. O funcionamento opaco destas máquinas dificulta o entendimento do processo de decisão tomado por elas, e torna difícil identificar os preconceitos potencialmente existentes.

Com relação ao controle da IA para evitar seus impactos indesejados, atualmente existem três frentes para combater esses efeitos adversos: a atuação do Estado através da adoção de políticas públicas; o fortalecimento da atuação dos sindicatos por meio dos Acordos e Convenções Coletivas, e da Sociedade mediante um amplo diálogo envolvendo os principais atores sociais afetados pelo avanço desta tecnologia.

(*) Resumo do artigo produzido pelos autores e publicado no Jornal da USP (21/02/2024)

(Fonte: José Paulo Zeteno Chahad - Professor Titular da FEA/USP (aposentado) e Pesquisador Sênior da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE). Tuffy Licciardi Issa - Aluno do Curso de Ciências Econômicas e Estagiário de Pesquisa na Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE).

News @ TI

Ferramentas KORE passam a fazer parte do Google Cloud

@A parceria entre Google Cloud e KORE Wireless, uma das maiores especialistas em conectividade e gestão de IoT no mundo, tem estimulado a ampliação da oferta de serviços dedicados à Internet das Coisas. A iniciativa disponibiliza algumas ferramentas KORE na nuvem do Google, alinhando o serviço de análise de dados do Google Cloud com as ferramentas de coleta e gestão de dados da KORE e sua atuação global. Entre os serviços KORE que passam a fazer parte do Google Cloud, estão uma plataforma de gestão de redes LPWA (LP Hub), uma integradora de dispositivos e dados de telemetria usados em saúde (CHTS - Connected Health Telemetry Solution) e uma solução de back end dedicada à gestão de frotas e rastreamento de veículos, além da plataforma KORE OmniCore, que permite conectar dispositivos IoT a serviços na nuvem. Soluções que têm em comum a finalidade de tirar toda a complexidade na implantação de recursos em IoT.

Editores

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterariaralph.com.br);

Comercial: Tatiana Sapateiro - tatiana@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 - Vila Mariana - São Paulo - SP - CEP.: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 - E-mail: (netjen@netjen.com.br)

Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.